

o CHAMADO
DO CUCO

Procedo



O Chamado do Cuco

SOBRE O AUTOR

Robert Galbraith é pseudônimo de J.K. Rowling,
autora da série Harry Potter e de *Morte súbita*.

ROBERT GALBRAITH

O CHAMADO
DO CUCO

TRADUÇÃO DE
RYTA VINAGRE

Rocco

Título original
THE CUCKOO'S CALLING

Primeira publicação na Grã-Bretanha em 2013 por Sphere.

Todos os personagens e acontecimentos neste livro,
com exceção dos claramente em domínio público, são fictícios
e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência.

Copyright © 2013 by Robert Galbraith

O direito moral do autor foi assegurado.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.
A reprodução sem a devida autorização constitui pirataria.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Preparação de originais
MÔNICA MARTINS FIGUEIREDO

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

G148c Galbraith, Robert
O chamado do Cuco/Robert Galbraith; tradução de Ryta Vinagre.
– Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

Tradução de: The Cuckoo's calling
ISBN 978-85-325-2873-5

1. Romance inglês. I. Vinagre, Ryta. II Título.

13-04887

CDD-823
CDU-821.111-3

*Para o verdadeiro Deeby,
com muitos agradecimentos*

Proco

Procedo

Por que nasceste com a neve em flocos?
Devas vir ao chamado do cuco
Ou com as uvas verdes nos cachos
Ou quando andorinhas são bandos
 Em voo para distante
 Do verão agonizante.

Por que morrer na tosquia dos anhos?
Devia ser quando caem os frutos
Quando os gafanhotos se inquietam
E os trigais molhados se eriçam
 E velam ventos arfantes
 Doçuras agonizantes.

CHRISTINA G. ROSSETTI, "Um Lamento"

Procedo

PRÓLOGO

Is demum miser est, cuius nobilitas miserias nobilitat.

Infeliz é aquele cuja fama enobrece suas desgraças.

LÚCIO ÁCIO, *Télefo*

Prologo

Procedo

O RUMOR NA RUA PARECIA o zumbido de moscas. Fotógrafos se agrupavam em massa atrás de barreiras patrulhadas pela polícia, suas câmeras de focinhos longos aprumadas, o hálito elevando-se como vapor. A neve caía sem parar nos chapéus e nos ombros; dedos enluvados limpavam lentes. Ocasionalmente irrompiam surtos de cliques erráticos, conforme os espectadores preenchiam o tempo de espera batendo instantâneos da tenda de lona branca no meio da rua, da entrada do alto edifício de tijolos aparentes atrás dela e da sacada no último andar de onde o corpo caía.

Atrás dos paparazzi espremidos, alinhavam-se furgões brancos com enormes antenas de satélite no teto e jornalistas falando, alguns em línguas estrangeiras, enquanto operadores de som com seus fones de ouvido pairavam ao redor. Entre as gravações, os repórteres batiam os pés e esquentavam as mãos em copos de café quente da cafeteria movimentada a algumas ruas dali. Para preencher o tempo, os cinegrafistas de gorro de lã filmavam as costas dos fotógrafos, a sacada, a tenda que escondia o corpo, depois se reposicionavam para panorâmicas que englobavam o caos que explodira na sossegada e nevada rua de Mayfair, com suas fileiras de portas pretas e lustrosas emolduradas por pórticos de pedra branca e flanqueadas por arbustos de topiaria. A entrada do número 18 estava isolada com fita. Policiais, alguns peritos forenses em trajes brancos, podiam ser vislumbrados no saguão além do isolamento.

As emissoras de televisão já transmitiam a notícia havia horas. Populares se agrupavam em cada extremidade da rua, mantidos ao largo por outros policiais; alguns vieram, propositalmente, para olhar, outros pararam a caminho do trabalho. Muitos erguiam celulares para tirar fotos antes de seguir adiante. Um jovem, sem saber qual era a sacada em questão, fotografou cada uma delas seguidamente, embora a do meio estivesse tomada por uma fila de ar-

bustos bem podados, três globos folhosos elegantes, que mal abriam espaço para um ser humano.

Um grupo de jovens trouxera flores e foi filmado entregando-as a policiais, que ainda não haviam decidido onde colocá-las e as dispuseram, constrangidos, na traseira do furgão da polícia, cientes de que as lentes das câmeras acompanhavam cada um de seus movimentos.

Os correspondentes enviados por canais de notícias 24 horas mantinham um fluxo constante de comentários e especulações em torno dos poucos fatos sensacionais de que já tinham conhecimento.

“... de sua cobertura, por volta das duas da madrugada. A polícia foi avisada pelo segurança do prédio...”

“... ainda nenhum sinal de retirada do corpo, o que levou alguns a especularem...”

“... não se sabe se ela estava sozinha quando caiu...”

“... equipes entraram no prédio e realizarão uma busca completa.”

Uma luz fria banhava o interior da tenda. Dois homens estavam agachados ao lado do corpo, prontos para, enfim, transferi-lo para um saco mortuário. A cabeça da mulher sangrara um pouco na neve. O rosto estava esmagado e inchado, um olho reduzido a uma prega, o outro mostrando uma lasca de branco opaco por entre pálpebras distendidas. Quando o top de lantejoulas que ela vestia cintilava nas leves alterações da luz, dava a impressão inquietante de movimento, como se ela voltasse a respirar ou retesasse os músculos, pronta para se levantar. A neve caía com toques suaves de pontas de dedos na lona do alto.

– Onde está a droga da ambulância?

O mau humor do inspetor-detetive Roy Carver aumentava. Um homem barrigudo, com uma cara sanguínea como carne enlatada, cujas camisas em geral tinham rodela de suor nas axilas, sua curta reserva de paciência se esgotara horas antes. Ele estava ali havia quase tanto tempo quanto o corpo; seus pés tão frios que ele não os sentia mais, e estava tonto de fome.

– A ambulância está a dois minutos daqui – disse o sargento-detetive Eric Wardle, respondendo involuntariamente à pergunta de seu superior ao entrar na tenda com o celular na orelha. – Só estão abrindo espaço para ela.

Carver grunhiu. Seu mau gênio era exacerbado pela convicção de que Wardle estava alvoroçado com a presença dos fotógrafos. De uma beleza juvenil e cabelos castanhos ondulados e bastos, agora cobertos de neve, Wardle, na opinião de Carver, demorava-se demais nas poucas incursões que fazia fora da tenda.

– Pelo menos esse pessoal vai sair depois que o corpo for embora – disse Wardle, ainda olhando os fotógrafos.

– Eles não irão embora enquanto tratarmos essa merda de lugar como cena de crime – rebateu Carver.

Wardle não respondeu à provocação implícita. Carver explodiu mesmo assim.

– A infeliz pulou. Não tinha mais ninguém lá. Sua suposta testemunha estava entupida de cocaína...

– Está chegando – disse Wardle e, para desgosto de Carver, voltou a escapular da tenda para esperar a ambulância à plena vista das câmeras.

A história ofuscou as notícias de política, guerras e desastres, e cada nova versão faiscava com imagens do rosto impecável da morta, seu corpo magro e esculpido. Horas depois, os poucos fatos conhecidos tinham se disseminado a milhões como um vírus; a briga pública com o namorado famoso, a ida para casa sozinha, o grito no alto e a queda definitiva e fatal...

O namorado fugiu para uma clínica de reabilitação, mas a polícia continuava impenetrável; aqueles que estiveram com ela na noite anterior à sua morte foram aossados; milhares de colunas de jornal foram ocupadas, além de horas de noticiários de TV, e a mulher que jurou ter ouvido uma segunda discussão momentos antes de o corpo cair também ficou brevemente famosa e foi recompensada com fotos menores, ao lado das imagens da linda falecida.

Mas então, com um gemido quase audível de decepção, provou-se que a testemunha mentira, e *ela* foi para a reabilitação, dando lugar ao famoso principal suspeito, como bonequinhos de um homem e uma mulher numa casinha do tempo que nunca podem ficar do lado de fora ao mesmo tempo.

Afinal foi declarado suicídio, e a história ganhou um leve segundo fôlego depois de um hiato de aturdimento. Escreveram que ela era desequilibrada, instável, inadequada para o superestrelato em que a rebeldia e a beleza a cap-

turaram; que passara a andar com uma classe endinheirada e imoral que a corrompera; que a decadência de sua nova vida atordoou uma personalidade já frágil. Ela se tornou uma densa fábula moral de *Schadenfreude*, e tantos colunistas fizeram alusão a Ícaro que a revista *Private Eye* publicou uma matéria especial.

E então, finalmente, o frenesi se esgotou a tal ponto que até mesmo os jornalistas nada mais tinham a dizer, exceto que muito já havia sido dito.

Proco